

## Os condicionamentos sociais e a causa atual das aflições

Abel Sidney de Souza

Os impulsos e lutas que induzem o indivíduo à perda da individualidade, escravizando-o aos padrões de conveniência vigente, são relevantes como desencadeadores de sofrimento.

Joanna de Ângelis

O homem é, em parte, fruto do meio social em que vive. Fenômenos como a massificação, que homogeneízam hábitos e atitudes, existem e são estudados por especialistas. Esta consideração tem seus fundamentos. E para tanto merece considerações mais aprofundadas.

Nós espíritas estamos acostumados a algumas discussões, pouco comuns em outros meios, qual seja - existiria verdadeiramente o livre-arbítrio, a livre vontade ou estamos sujeitos a alguma espécie de determinismo, de fatalidade? E ainda - até que ponto estamos sujeitos às influências do meio em que vivemos? Na questão 120 e seguintes de *O Livro dos Espíritos*, é respondido a Kardec que, em resumo (p. 97-8):

- Nós, espíritos imortais, somos criados simples e ignorantes;
- Passamos todos pela “feira da ignorância”;
- Podemos, em nossos exercícios no longo aprendizado da vida, inclinarmos para o bem ou para o mal;
- Quando praticamos o mal, o fazemos “por vontade própria”;
- A vontade própria ou o livre-arbítrio desenvolve-se conforme a tomada de consciência de nós mesmos;
- Podemos ceder às influências que estão fora de nós, por conta de nossas livres escolhas;
- Os espíritos imperfeitos, na condição de agentes de influência do mal, podem nos fazer sucumbir.

Na questão 257, denominada também de *Ensaio teórico da sensação nos Espíritos*, Kardec retoma a discussão sobre o livre-arbítrio quando comenta sobre o sofrimento e as possibilidades de evitá-lo (p. 169).

Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria.

E completa o seu pensamento afirmando que está nas nossas mãos libertarmo-nos das influências do mal e dos sofrimentos que elas acarretam. Dotados de livre-arbítrio temos condições de ceder ou não a tais influências. Para tanto ele aconselha (p. 170):

Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem...

Se a nossa livre vontade, segundo os espíritos, amplia-se com a nossa tomada de consciência de nós mesmos, necessário faz-se **que nos conheçamos melhor**, até mesmo para avaliarmos se a nossa livre vontade é verdadeiramente *livre* ou está *condicionada* pelo que os outros nos impõe.

O exercício do livre-arbítrio exige, pelo exposto, maturidade e reflexão, o que é parcialmente obra do tempo e do esforço próprio. Este exercício, prolongado no tempo e curtido nas experiências, nos conduz à tomada de decisões alicerçadas no **senso de responsabilidade**, o que nos faz romper com os atavismos do passado, qual seja, liberta-nos dos círculos viciosos da irreflexão/precipitação-culpa/tormento. A reflexão/ maturidade, com o conseqüente senso de responsabilidade penosamente adquirido, nos faz enfrentar os próprios erros com serenidade, como componente do processo de aprendizagem. Cria-se, então, um círculo virtuoso de reflexão/maturidade-aprendizado/serenidade.

No entanto, seja por falta de maturidade, seja em decorrência das tantas circunstâncias em que nos vemos às voltas durante a vida, nós nos deixamos envolver pelas **tantas influências do meio em que vivemos**. Daí que as possibilidades de **nos livrarmos das influências do mal** (que estão em nossas mãos), podem ampliar-se ou diminuir-se segundo fatores que nós mesmos desencadeamos (quando positivos, os frutos decorrentes serão oportunos; quando negativos, estaremos sujeitos a colheita forçada, contra a nossa própria vontade).

Em pequena escala surgem indícios de profundas mudanças, que levadas a efeito poderão transformar o modo de convivência humana no planeta nas próximas décadas ou séculos. São os **movimentos de renovação** em todas as esferas da ação e do pensamento humanos. No entanto, **o meio em que vivemos** é ainda, em grande medida, o mundo competitivo marcado pelas leis do mercado, pelo império do Ter em detrimento das necessidades do Ser.

Conforme se lê nas entrelinhas dos tantos bons romances espíritas, particularmente os de fundo histórico, é possível exercitarmos a condição de **homem de bem**, não importa o tempo e o lugar onde estejamos. No entanto, muito nos é exigido nestes exercícios, devido aos “padrões de conveniência” que a sociedade impõe, não sendo nada fácil desvencilharmo-nos disso. Não à toa os **heróis** dos citados romances são justamente aqueles que souberam livrar-se dos preconceitos de sua época; que renunciaram a umas tantas conveniências sociais; que remaram contra a maré da indiferença moral, da crueldade, tão comuns em tempos passados e também no tempo presente...

Joanna de Ângelis também nos alerta quanto **às coisas deste mundo** ao afirmar que “as conquistas dispensáveis pesam na economia emocional e passam a constituir preocupação que desvia a mente das metas que deve perseguir”.

Muitas vezes, ansiosos pela conquista ou manutenção de um certo *status* social, chegamos a abandonar nossas tarefas espíritas em busca de renda complementar, nem sempre essencial, por não conseguirmos nos desvencilhar das **amarras constrictoras das pressões sociais** que o meio social, familiar, profissional nos impõem.

Simplificar a vida, nos livrando das **conquistas dispensáveis**, não ligando **às coisas deste mundo importância que não merecem**, nas palavras sábias de Joanna e Kardec, nos parece ser medida preventiva e terapêutica urgente, para que a nossa economia psicológica, moral, espiritual não sofra abalos que a possa levar definitivamente à crise e à falência.

Cabe a nós todos o esforço sincero de nos livrarmos dos tantos **condicionamentos sociais**, que nos impelem à vivência de experiências desnecessárias, consumidoras de imensa parcela de nosso já tão escasso tempo, causadoras de tantas aflições, cujas causas estão, na mais das vezes, nesta atual existência...

Por fim, fica o lembrete de Kardec, acima já transcrito, digno de meditação:

Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria.

## **Bibliografia**

FRANCO, Divaldo Pereira. **Plenitude** (pelo espírito Joanna de Ângelis). 1ª ed. Niterói: Arte & Cultura, 1991.

KARDEC, Allan. **Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira: Rio de Janeiro, 1995. 76ª edição.